

CATCH-22

[ARTIGO 22]



JOSEPH HELLER



D. QUIXOTE

Ficha Técnica

Título original: Catch-22 (Artigo 22)

Título original: Catch-22

Autor: Joseph Heller

Revisão: Cristina Pereira

Capa: Joana Tordo

ISBN: 9789722047425

Publicações Dom Quixote

[Uma editora do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 1955, 1961, Joseph Heller

© renovado, 1989, Joseph Heller

© Publicações Dom Quixote, 1986, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leva.com

www.leva.pt

*A minha mãe e minha mulher, Shirley,
e aos meus filhos, Erica e Ted.*

A ilha de Pianosa situa-se no mar Mediterrâneo, oito milhas a sul de Elba. É muito pequena e não podia obviamente comportar todas as operações descritas: À semelhança da localização do romance, as personagens são fictícias.

§

Capítulo primeiro O TEXANO

Foi amor à primeira vista.

A primeira vez que Yossarian viu o capelão ficou loucamente enamorado dele.

Yossarian encontrava-se hospitalizado, com uma dor no fígado que não era icterícia por uma unha negra. Os médicos estavam intrigados pelo facto de não ser mesmo icterícia. Se se tornasse icterícia, poderiam tratá-lo. Se não se tornasse icterícia e desaparecesse, poderiam dar-lhe alta. Mas aquilo de não ser icterícia por uma unha negra fazia-lhes confusão.

Apareciam todas as manhãs – três homens circunspectos, de bocas eficientes e olhos ineficientes, acompanhados pela circunspecta e eficiente enfermeira Duckett, uma das várias da enfermaria que não simpatizavam com Yossarian. Consultaram a ficha aos pés da cama e perguntaram pela dor com impaciência, parecendo irritados quando o interpelado afirmou que estava exactamente na mesma.

– Ainda nenhuma actividade? – inquiriu o coronel.

Os médicos entreolharam-se quando ele abanou a cabeça.

– Dê-lhe mais um comprimido.

A enfermeira Duckett tomou nota para dar mais um comprimido a Yossarian e o quarteto passou à cama seguinte. Na realidade, nenhuma das enfermeiras gostava de Yossarian. A dor no fígado já desaparecera, mas ele não tinha dito nada e os médicos não desconfiavam. Suspeitavam apenas de que se registara actividade dos intestinos e ele guardara segredo.

Yossarian tinha tudo o que desejava no hospital. A comida não era muito má e serviam-lhe as refeições na cama. Havia rações suplementares de carne fresca e, durante o período mais quente da tarde, ele e os outros podiam tomar sumo de frutos ou leite com chocolate gelados. À parte os médicos e as enfermeiras, ninguém o incomodava. Durante a manhã, por um lapso de tempo não muito prolongado, tinha de censurar cartas, mas depois ficava livre para passar o resto do dia reclinado, com a consciência tranquila. Sentia-se confortável no hospital e tornava-se-lhe fácil continuar internado, porque apresentava sempre uma temperatura de trinta e oito graus. Estava ainda mais confortável que Dunbar, o qual tinha de se estatelar de bruços com frequência, para que lhe servissem as refeições na cama.

Depois de ter decidido passar o resto da guerra no hospital, Yossarian escreveu a

todas as pessoas conhecidas, para comunicar que estava internado, sem, todavia, referir onde. Um dia, acudiu-lhe uma ideia melhor. Informou-as de que se preparava para executar uma missão extremamente perigosa. «Pediram voluntários, por ser muito arriscada, mas alguém tem de ir. Escrevo logo que regressar.» E não voltara a enviar uma única linha a nenhuma.

Todos os oficiais internados naquela enfermaria eram obrigados a colaborar na censura da correspondência escrita pelos pacientes subalternos, os quais ocupavam instalações diferentes. Tratava-se de uma tarefa monótona, e Yossarian ficara desapontado ao inteirar-se de que as vidas dos subalternos eram apenas ligeiramente mais interessantes que as dos oficiais, e, transcorrido o primeiro dia, a curiosidade dissipou-se-lhe, pelo que, para quebrar a monotonia, inventou passatempos. Certa vez, declarou guerra aos ornamentos literários e decidiu suprimir todos os advérbios e adjetivos das cartas que lhe passavam pelas mãos. Depois, assestou as baterias nos artigos, mas alcançou um plano de criatividade no dia seguinte, quando optou por eliminar tudo, à exceção de *um*, *uma* e *o*, por lhe parecer que desse modo produzia tensões intralineaes mais dinâmicas e, em quase todos os casos, subsistia uma mensagem de longe mais universal. Não tardou a proscrever partes de saudações e assinaturas e deixar o texto intacto. Uma vez, eliminou tudo menos a saudação «Mary querida» e, no fundo da página, inscreveu: «Suspiro por si tragicamente. A. T. Tappman, capelão do Exército dos EU.» Tappman era o nome do capelão do grupo.

Quando esgotou todas as possibilidades nas cartas, principiou a concentrar-se nos nomes e endereços dos sobrescritos, obliterando casas e ruas inteiras e aniquilando metrópoles completas com movimentos indiferentes do pulso, como se fosse Deus. O Artigo 22 exigia que cada missiva censurada ostentasse o nome do oficial responsável. Nas que não se dava ao trabalho de ler, apunha a assinatura, enquanto nas outras escrevia «Washington Irving», que mudou para «Irving Washington», quando se cansou do nome. A censura aos sobrescritos teve repercussões graves e produziu uma vaga de ansiedade num escalão militar etéreo qualquer, que infiltrou um membro do CID¹ na enfermaria, disfarçado de paciente. No entanto, todos compreenderam quem era, porque começou a perguntar por um oficial chamado Irving ou Washington e, após o seu primeiro dia de internamento, negou-se a censurar cartas, por considerar a tarefa demasiado monótona.

Desta vez, era uma boa enfermaria, das melhores que ele e Dunbar tinham conhecido. Agora, encontrava-se com eles o capitão-aviador de «caças» de bigode louro ralo, que fora abatido no mar Adriático em pleno Inverno e nem sequer se constipara. Naquele momento, nos píncaros do Verão, apesar de não ter sido abatido, alegava que contraíra gripe. Na cama à direita de Yossarian, ainda deitado amorosamente de bruços, achava-se o alarmado capitão, com malária no sangue e uma mordedura de mosquito no traseiro. Do outro lado do corredor, defronte de Yossarian, estava Dunbar e, junto deste, o capitão de artilharia com o qual Yossarian deixara de jogar xadrez. E deixara-se disso pela simples razão de que as partidas se revelavam tão

interessantes que resultavam disparatadas. Havia ainda o texano culto do Texas, que parecia alguém em tecnicolor e pensava, patrioticamente, que as pessoas de meios – a gente decente – deviam ter direito a mais votos que os vagabundos, prostitutas, criminosos, degenerados, ateus e indecentes – pessoas sem meios.

Yossarian procurava ritmos novos nas cartas no dia em que levaram o texano para a enfermaria. Era mais um dia tranquilo, quente, sem coisa alguma a perturbar a atmosfera. O calor incidia impiedosamente no telhado e abafava os sons do exterior. Dunbar jazia novamente de costas, imóvel, de olhos cravados no tecto, como os de uma boneca. Desenvolvia esforços frenéticos para aumentar as suas esperanças de vida, operação que executava através da cultivação do tédio. Na realidade, esforçava-se de tal modo para as aumentar que Yossarian chegou a julgar que morrera. Colocaram o texano numa cama a meio da enfermaria, e ele não tardou a divulgar os seus pontos de vista.

– É isso mesmo! – bradou Dunbar, excitado, soerguendo-se com a rapidez de um projectil. – Eu sabia que faltava uma coisa e agora descobri o que é. – Cerrou o punho e desferiu-o na palma da outra mão. – Não há patriotismo.

– Tens razão – apoiou Yossarian, em tom incisivo. – Tens razão, tens razão, tens razão. O cachorro-quente, os Dodgers de Brooklyn. A tarte de maçã caseira. É por isso que todos combatem. Mas quem combate pelas pessoas decentes? Quem combate para que as pessoas decentes tenham mais votos? Não há patriotismo, é o que é. Nem matriotismo.

O subtenente à sua esquerda não se mostrou impressionado.

– Quem se importa com isso? – grunhiu, e voltou-se para o outro lado, para dormir.

O texano revelou-se um indivíduo bem-disposto, generoso e simpático. A tal ponto que, passados três dias, já ninguém o suportava.

Provocava estremecimentos de desgosto ao longo das colunas vertebrais mais sensíveis e todos se afastavam dele – todos, excepto o paciente de branco, que não tinha qualquer alternativa. Com efeito, estava encerrado em gesso e gaze da cabeça aos pés e dispunha de duas pernas e dois braços inúteis. Fora introduzido na enfermaria durante a noite, e os outros não faziam a menor ideia de que se encontrava entre eles até que acordaram, de manhã, e viram as duas pernas estranhas suspensas pelos quadris e os dois não menos estranhos braços ancorados na perpendicular, os quatro membros conservados bizarramente no ar por meio de pesos de chumbo que nunca se moviam. Cosidos nas ligaduras sobre a parte interna dos cotovelos, havia lábios de fechos de correr, através dos quais lhe era ministrado um fluido claro de um frasco claro. Um tubo de zinco silencioso irrompia do gesso na virilha e estava unido a outro, mais estreito, de borracha, que transportava o líquido proveniente dos rins e o vertia com eficiência num largo boião tapado pousado no chão. Quando este último se enchia por completo, o frasco que alimentava o cotovelo ficava vazio e eram trocados rapidamente, para que o líquido pudesse reentrar no corpo. A única coisa que realmente viam do paciente de branco era uma abertura negra sobre a boca.

O paciente de branco fora colocado junto do texano e este sentava-se de lado na

cama e falava-lhe ao longo da manhã, tarde e grande parte da noite, no habitual tom arrastado da região a que pertencia, indiferente ao facto de nunca obter resposta.

As temperaturas eram tiradas duas vezes ao dia. Ao princípio da manhã e no final da tarde, a enfermeira Cramer surgia com um boião cheio de termómetros, começava por uma das extremidades da sala e deixava um em cada cama. No caso do paciente de branco, introduzia-o na abertura sobre a boca e equilibrava-o na borda inferior. Quando regressava ao ocupante da primeira cama, recuperava o termómetro, inscrevia a temperatura na respectiva ficha, passava à seguinte e repetia assim o circuito. Uma tarde, quando completara o primeiro e visitava o paciente de branco pela segunda vez, descobriu que tinha morrido.

– Assassino – acusou Dunbar, a meia voz. O texano olhou-o com um sorriso hesitante.

– Homicida – acudiu Yossarian.

– Que estão vocês para aí a dizer? – articulou o texano, numa inflexão de nervosismo.

– Assassinaste-o – volveu Dunbar.

– Mataste-o – secundou Yossarian.

– Estão doidos. – O texano encolheu-se instintivamente. – Nem lhe toquei.

– Assassinaste-o – persistiu Dunbar.

– Ouvi-te matá-lo – tornou Yossarian.

– Assassinaste-o porque era preto – asseverou Dunbar.

– Estão mesmo chanfrados! – balbuciou o texano. – Os pretos não têm cabidela aqui. Há um lugar especial para eles.

– O sargento meteu-o cá clandestinamente – declarou Dunbar.

– O sargento comunista – salientou Yossarian.

– E tu sabias.

O subtenente à esquerda de Yossarian não se sentia impressionado com o incidente do paciente de branco. Aliás, não se impressionava com coisa alguma e só falava para manifestar irritação.

No dia anterior àquele em que Yossarian conheceu o capelão, explodiu um fogão na messe que incendiou uma parte da cozinha. Um calor intenso assolou toda a área e propagou-se à enfermaria de Yossarian, a quase cem metros de distância, onde se ouvia distintamente o rugido das chamas e os estalidos secos da madeira consumida, enquanto o fumo deslizava densamente diante das janelas, cujas vidraças exibiam um clarão rubro. As viaturas de emergência do aeródromo apresentaram-se transcorridos quinze minutos para combater o incêndio e, durante meia hora frenética, a coisa esteve feia. Por fim, os bombeiros começaram a dominar a situação, mas, de súbito, registou-se o familiar zumbido monótono de bombardeiros que voltavam de uma missão, e eles tiveram de recolher as mangueiras e regressar ao aeródromo, para a eventualidade de um dos aparelhos se despenhar e incendiar. No entanto, aterraram todos sem novidade e, logo que o último pousou, os bombeiros tornaram a subir a ladeira de acesso ao hospital, a fim de reatar o combate às chamas. Todavia, quando chegaram, verificaram

que se tinham extinguido espontaneamente, pelo que os desapontados soldados da paz tiveram de se contentar com tomar café tépido e percorrer as instalações, em busca de uma oportunidade para fornicar com as enfermeiras.

O capelão chegou no dia a seguir ao incêndio. Yossarian entretinha-se a eliminar todas as palavras, excepto as de carácter romântico, das cartas, quando o capelão se sentou numa cadeira entre as camas e perguntou como se sentia. Colocara-se um pouco de lado, e os galões de capitão no colarinho da camisa eram as únicas insígnias que Yossarian conseguia ver. Não fazia a menor ideia de quem se tratava e supôs que era mais um médico ou outro louco.

– Menos mal – replicou, com desprendimento. – Tenho uma leve dor no fígado e os intestinos são os mais regulares do mundo, mas, de um modo geral, devo reconhecer que me podia sentir pior.

– Isso é bom – disse o capelão.

– Sim, isso é bom.

– Tencionava vir antes, mas não me tenho sentido bem.

– Isso é mau.

– Um resfriado sem importância – apressou-se a esclarecer.

– Tenho trinta e oito graus de febre – esclareceu Yossarian não menos prontamente.

– Isso é mau.

– Sim, é mau.

O capelão deixou transparecer uma ponta de embaraço.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou, após uma pausa.

– Não, obrigado. – Yossarian exalou um suspiro. – Acho que os médicos fazem tudo o que é humanamente possível.

– Não me referia a isso. – O capelão corou levemente. – Cigarros... livros... brinquedos...

– Ah, não, obrigado. Creio que tenho tudo o necessário... tudo menos saúde.

– Isso é mau.

– Sim, é mau.

Voltou a mostrar-se algo embaraçado. Olhou para os lados duas ou três vezes, depois para o tecto e finalmente para o chão e encheu os pulmões de ar.

– O tenente Natelly manda cumprimentos – informou, por fim. Yossarian sentiu-se penalizado por terem um amigo comum. Afinal, sempre havia uma base para conversarem.

– Conhece-o? – inquiriu, com uma réstia de pesar.

– Muito bem.

– É um pouquinho lunático, não acha?

– Não me posso pronunciar nesse aspecto. – O embaraço do capelão reapareceu. – Não o conheço tão profundamente.

– Pode acreditar no que digo. É mesmo louco varrido.

Seguiu-se novo silêncio e ele acabou por quebrá-lo com uma pergunta abrupta:

– Suponho que é o capitão Yossarian?

- Nately teve um mau começo de vida. Nasceu numa boa família.
- Queira desculpar – insistiu, timidamente. – Sou capaz de estar a cometer um erro grave. É o capitão Yossarian?
- Sim, sou o capitão Yossarian.
- Da Esquadrilha Duzentos e Cinquenta e Seis?
- Da Esquadrilha de Caça Duzentos e Cinquenta e Seis. Não creio que haja outros capitães Yossarian. Que eu saiba, sou o único, mas posso estar enganado.
- Compreendo – murmurou o capelão, desolado.
- Há duas pertencentes ao oitavo poder, para o caso de pensar em escrever um poema simbólico sobre a nossa esquadrilha.
- Não, não estou a pensar em escrever um poema simbólico sobre a vossa esquadrilha.

Yossarian soergueu-se com brusquidão no momento em que vislumbrou a pequena cruz prateada no outro lado do colarinho do capelão. Sentia-se profundamente estupefacto porque nunca falara com um clérigo, e, com uma expressão de êxtase, exclamou:

- É um capelão! Confesso que não sabia.
- Pois sou. Diz que não sabia?
- Pois não. Não fazia a menor ideia. – Yossarian fitava o interlocutor com um largo sorriso de fascinação. – Nunca tinha visto nenhum.

O capelão tornou a corar e baixou os olhos para as mãos. Era magro, de trinta e dois anos, com cabelos e olhos castanhos que exibiam uma expressão de timidez, e faces pálidas, na base das quais se viam resíduos de borbulhas antigas.

- Posso fazer alguma coisa para o ajudar?
- Não, obrigado. – Yossarian abanou a cabeça, conservando o sorriso. – Tenho tudo o necessário e estou confortável. Na verdade, não sofro de nada.
- Isso é bom... – Mal pronunciou estas palavras, o capelão arrependeu-se e levou os nós dos dedos à boca, com um grunhido de alarme, porém, Yossarian conservou-se silencioso, o que o desapontava. – Tenho de visitar outros homens do grupo – declarou por fim. – Voltarei a aparecer, talvez amanhã.
- Não se esqueça.
- Só virei se você quiser – esclareceu, baixando a cabeça com acanhamento. – Notei que certas pessoas ficam embaraçadas com a minha presença.
- Sem dúvida que quero – asseverou Yossarian, com uma expressão de afecto. – Garanto-lhe que não fico embaraçado.

O capelão exibiu um sorriso de satisfação e tornou a baixar os olhos, agora para um pedaço de papel que dissimulava na mão. Em seguida, contou as camas da enfermaria, movendo os lábios em silêncio, e concentrou-se em Dunbar, ao mesmo tempo que enrugava a fronte de dúvida.

- Pode dizer-me se aquele é o tenente Dunbar? – murmurou.
- Sim – replicou Yossarian, em voz alta. – É o tenente Dunbar.
- Obrigado – agradeceu o capelão, no mesmo tom. – Muito obrigado. Tenho de o

visitar. Preciso de visitar todos os membros do grupo hospitalizados.

– Mesmo os das outras enfermarias?

– Mesmo os das outras enfermarias.

– Cuidado com eles, reverendo. É aí que encerram os casos mentais. As salas estão cheias de lunáticos.

– Não é necessário tratar-me por reverendo. Sou anabaptista.

– Pode acreditar no que lhe digo acerca das outras enfermarias – reiterou Yossarian, com uma expressão grave. – Os tipos da PM não o protegem, porque são os mais destravados de todos. Eu acompanhava-o, mas tenho medo que me pelo. A loucura é contagiosa. Esta é a única enfermaria de doentes mentalmente sãos de todo o hospital. São todos doidos, excepto nós. Pode até muito bem ser a única enfermaria de doentes mentalmente sãos do mundo.

O capelão levantou-se apressadamente, afastou-se da cama com lentidão, deslizando ao longo dela e, por último, inclinou a cabeça com um sorriso conciliador e prometeu proceder com a prudência apropriada.

– Agora, vou falar com o tenente Dunbar. – Como que assolado por uma suspeita repentina, perguntou: – Que tal está ele?

– São como um pêro – assegurou Yossarian. – Um autêntico príncipe. Um dos homens mais atenciosos e altruístas do mundo.

– Não me referia a isso. – O capelão voltou a exprimir-se em voz baixa. – Está muito mal?

– Nem por isso. Pode mesmo dizer-se que não está doente.

– Isso é bom – admitiu, com um suspiro de alívio.

– Sim, isso é bom.

– Um capelão – disse Dunbar, depois de ele se despedir e afastar. – Por que carga de água o mandariam cá?

– Foi muito amável – declarou Yossarian. – Talvez lhe devessem conceder três votos.

– Quem?

Numa cama da pequena secção isolada ao fundo da enfermaria, continuamente em actividade atrás da divisória de contraplacado verde, encontrava-se o solene coronel de meia-idade, visitado todos os dias por uma mulher de rosto meigo e cabelos louros anelados, que não era enfermeira, nem pertencia a qualquer corpo militar auxiliar ou à Cruz Vermelha, mas comparecia fielmente no hospital de Pianosa todas as tardes, envolta em atraentes vestidos de Verão de cor pastel e sapatos de salto alto.

O coronel era das Transmissões e mantinha notável azáfama, dia e noite, no envio de mensagens glutinosas do interior para pedaços de gaze, que dobrava meticulosamente e depositava num balde branco com tampa junto da cama. O seu aspecto era deslumbrante. Tinha boca cavernosa, faces cavernosas e olhos tristes e húmidos cavernosos. O rosto apresentava a cor da prata baça. Além disso, tossia discretamente, com prudência, e passava os pedaços de gaze pelos lábios com uma lentidão e desgosto que se haviam tornado automáticos.

O coronel era alvo da curiosidade de um vórtice de peritos que pretendiam

especializar-se na determinação do mal que o afectava. Projectavam-lhe luzes nos olhos para verificar se via e cravavam agulhas nos nervos para observar se sentia alguma coisa. Havia um urologista para a sua urina, um linfologista para a linfa, um endocrinologista para as endócrinas, um psicólogo para a psique e um dermatologista para a derme; isto sem falar no patologista para os patos, um quistologista para os quistos e um calvo e pedante cetologista do Departamento de Zoologia de Harvard, que fora raptado impiedosamente para o corpo médico por um ânodo deficiente de uma máquina IBM e passava as sessões com o coronel moribundo tentando trocar impressões sobre *Moby Dick*.

Na verdade, o coronel fora investigado profundamente. Não havia um único órgão do seu corpo que não tivesse sido drogado e derrogado, espanado e sondado, apalpado e fotografado, removido, explorado e repostado. Imaculada, esbelta e erecta, a mulher tocava-lhe com frequência, enquanto permanecia sentada a seu lado, e constituía o epítome do pesar estóico cada vez que sorria. O coronel era alto, magro e encurvado. Quando se levantava para caminhar, inclinava-se ainda mais para a frente, formava uma cavidade profunda com o corpo e pousava os pés com extrema meticulosidade, movendo-se para a frente, dos joelhos para baixo, alguns centímetros de cada vez. Havia bolsas violáceas abaixo dos olhos. A mulher exprimia-se com brandura, ainda mais suavemente que a tosse dele, e nenhum dos outros ocupantes da enfermaria lhe ouvia jamais a voz.

O texano esvaziou a sala em menos de dez dias. O capitão de artilharia foi o primeiro a debandar e a partir de então o êxodo não parou. Dunbar, Yossarian e o capitão-aviador saíram na mesma manhã. O primeiro deixou de ter vertigens e o piloto assoou-se, enquanto Yossarian assegurava aos médicos que a dor do fígado desaparecera. Foi tudo muito fácil. Até o subtenente bateu asas. Em menos de dez dias, o texano fez com que todos os ocupantes da enfermaria regressassem à actividade – todos excepto o membro do CID, ao qual o capitão-aviador pegara o resfriado, que se converteu em pneumonia.

¹ *Criminal Investigation Department*: Departamento de Investigação Criminal. (N. do T.)

§

Capítulo segundo CLEVINGER

Pode dizer-se que, de certo modo, o homem do CID teve sorte, porque a guerra continuava no exterior do hospital. Havia homens que enlouqueciam e eram recompensados com medalhas. Um pouco por todo o mundo, rapazes de todos os lados das linhas das bombas sacrificavam as vidas por aquilo que lhes tinham dito que era a pátria, e ninguém parecia importar-se, em particular aqueles que expunham as jovens vidas. Não se descortinava o termo do inferno. O único termo visível era o de Yossarian, que talvez permanecesse no hospital até ao Juízo Final se não fosse o patriótico texano de bochechas infundibuliformes e sorriso grumoso, amarrotado e indestrutível permanentemente afivelado ao rosto. Na realidade, o texano queria que todos os ocupantes da enfermaria estivessem contentes, salvo Yossarian e Dunbar. Estava de facto muito doente.

No entanto, Yossarian não conseguiria sentir-se contente, mesmo que o texano não quisesse, porque continuava a não se desenrolar nada de divertido no exterior do hospital. A única coisa que se desenrolava era uma guerra, e ninguém parecia aperceber-se disso, à excepção dele e Dunbar. E quando Yossarian tentava recordá-lo aos outros, afastavam-se e supunham-no louco. O próprio Clevinger, que devia estar mais elucidado, mas não estava, chamara-lhe doido na última vez que se tinham encontrado, pouco antes de Yossarian ingressar no hospital.

Clevinger fitara-o com fúria e indignação apopléticas e, pousando as mãos na mesa, vociferara:

– Endoideceste?

– Que pretendes das pessoas? – replicara Dunbar em tom fatigado, esforçando-se por se fazer ouvir, em virtude do ruído no Clube dos Oficiais.

– Falo a sério – persistiu Clevinger.

– Eles tentam matar-me – afirmou Yossarian, calmamente.

– Ninguém tenta matar-te!

– Então, porque fazem fogo sobre mim?

– Fazem fogo sobre *todos*. Querem matar toda a gente.

– Não vejo onde está a diferença.

Clevinger já se achava em movimento, metade fora da cadeira devido à excitação, de olhos brilhantes e lábios trémulos de emoção. Como acontecia sempre que discutia

acerca de princípios em que acreditava apaixonadamente, acabava por respirar com dificuldade e pestanejar com insistência para dissimular as lágrimas amargas de convicção. Na verdade, havia muitos princípios em que acreditava apaixonadamente. Era louco.

– A quem te referes? – inquiriu. – Quem, em particular, supões que tenta assassinar-te?

– Todos eles.

– Todos eles quem?

– Quem pensas que são?

– Não faço a menor ideia.

– Então, como sabes que não me querem matar?

– Porque... – Clevinger tossiu e sentiu-se impossibilitado de prosseguir por causa da frustração.

Julgava que tinha razão, mas Yossarian possuía provas do que afirmava, porque pessoas que não conhecia alvejavam-no com canhões cada vez que descolava para lhes largar bombas em cima, o que de modo algum se podia considerar divertido. E se não era divertido, havia muitas outras coisas ainda menos engraçadas. Não tinha graça nenhuma, por exemplo, viver como um vagabundo numa tenda em Pianosa, entre montanhas altaneiras atrás dele e um mar azul e plácido em frente, capaz de tragar uma pessoa com câibras num abrir e fechar de olhos e devolvê-lo à praia três dias depois, com todas as despesas pagas, inchado, azul e putrefacto, expelindo água salgada pelas narinas glaciais.

A tenda em que ele vivia situava-se junto da orla do bosque que separava a sua esquadrilha da de Dunbar. Imediatamente ao lado, estendia-se a vala de caminho-de-ferro abandonado, com a conduta que transportava a gasolina para os aviões do aeródromo próximo. Graças ao seu companheiro, Orr, era a tenda mais luxuosa da esquadrilha. Cada vez que Yossarian regressava de uma das suas vilegiaturas no hospital ou de licença de repouso em Roma, ficava surpreendido com um novo conforto que Orr instalara durante a sua ausência – água corrente, uma lareira de lenha, uma placa de cimento no chão. Fora Yossarian quem escolhera o local e haviam montado a tenda juntos. Orr, que era um indivíduo de pequena estatura, atarracado, quase sempre sorridente, de cabelos pretos ondulados com risca ao meio, fornecera toda a experiência na matéria, enquanto Yossarian, mais alto e forte, contribuía com a maior parte do trabalho. Viviam nela apenas os dois, embora houvesse espaço suficiente para seis. Quando chegava o Verão, Orr levantava as abas laterais para permitir que o vento que nunca soprava expulsasse o calor sufocante do interior.

Logo a seguir, encontrava-se Havermeyer, que vivia só na tenda para duas pessoas, onde se entretinha a matar ratos todas as noites com a pistola automática que confiscara ao homem morto da tenda de Yossarian. Do outro lado da de Havermeyer, erguia-se a de McWatt, que já não a partilhava com Clevinger, o qual ainda não voltara quando Yossarian teve alta do hospital. Agora, McWatt tinha como companheiro Nately, que se achava ausente em Roma para cortejar a prostituta por quem se

apaixonara profundamente, enfasiada com a sua profissão e não menos com ele. McWatt também era doido. Quando descolava no seu avião, passava tangentes temerárias à tenda de Yossarian para o aterrorizar e adorava sobrevoar ruidosamente a jangada de madeira que flutuava sobre bidões vazios junto da língua de areia branca imaculada, onde os militares costumavam tomar banho desnudos. Partilhar a tenda com um doido não era agradável, mas Nately não se preocupava com isso. Também não regulava bem e trabalhava todos os dias livres no Clube dos Oficiais que Yossarian não ajudara a construir.

Na realidade, havia muitos clubes de oficiais que ele não ajudara a construir, mas orgulhava-se de um dos de Pianosa, que constituía um imponente e complexo monumento aos seus poderes de determinação. Yossarian nunca aparecera lá para ajudar até que ficou concluído, após o que passou a frequentá-lo com regularidade, encantado com a espaçosa, atraente e confortável construção. Era de facto uma estrutura admirável, e ele vibrava com uma poderosa sensação de êxito realizado cada vez que a contemplava e reflectia que em nada contribuía para o trabalho que a produzira.

Estavam quatro sentados à mesa do Clube dos Oficiais da última vez que ele e Clevinger se haviam chamado loucos. Encontravam-se ao fundo da sala, perto da mesa de dados, onde Appleby conseguia ganhar sempre. Na verdade, este último era tão bom a jogar dados como no pingue-pongue e tudo o resto. Tudo aquilo que efectuava revestia-se de características impecáveis. Era um rapaz louco do Iowa que acreditava em Deus, na maternidade e no estilo de vida americano, sem jamais se deter a reflectir em qualquer um deles, e toda a gente que o conhecia simpatizava com ele.

– Detesto aquele filho da mãe – resmungou Yossarian.

A discussão com Clevinger principiara poucos minutos antes, quando Yossarian não conseguira encontrar uma metralhadora. Era uma noite movimentada. Com efeito, havia movimento intenso no bar, na mesa de dados e na de pingue-pongue. As pessoas que Yossarian pretendia varrer com a metralhadora desenvolviam intensa actividade no bar, entretidas a cantar velhas melodias sentimentais populares que os outros nunca se cansavam de ouvir. Por fim, em vez de os metralhar, contentou-se em pisar a bola de pingue-pongue que rolou na sua direcção, atirada por um dos dois oficiais que disputavam uma partida.

– Aquele Yossarian... – articularam em uníssono, rindo e meneando as cabeças, enquanto um ia buscar outra bola à caixa numa prateleira.

– Aquele Yossarian... – repetiu este.

– Yossarian – advertiu Nately, a meia voz.

– Compreendem ao que me refiro? – interpôs Clevinger.

Os dois oficiais tornaram a rir, quando ouviram Yossarian imitá-los, e insistiram em tom mais elevado:

– Aquele Yossarian...

– Aquele Yossarian...

– Tem cuidado – voltou Nately a recomendar.

- Compreendem ao que me refiro? – insistiu Clevinger. – Tem instintos anti-sociais.
- Está calado – acudiu Dunbar, que simpatizava com Clevinger, porque o irritava e fazia o tempo passar com lentidão.
- Appleby nem sequer está presente – salientou Clevinger, com uma expressão de triunfo.
- Quem falou em Appleby? – retorquiu Yossarian.
- O coronel Cathcart também não está.
- Quem falou no coronel Cathcart?
- Que filho da mãe detestas, nesse caso?
- Que filho da mãe *está* aqui?
- Não quero discutir contigo – decidiu Clevinger. – Não sabes quem detestas.
- Detesto quem tenta envenenar-me – asseverou Yossarian.
- Ninguém tenta envenenar-te.
- Não me envenenaram a comida duas vezes? Não o fizeram durante Ferrara e o Grande Cerco de Bolonha?
- Envenenaram a comida de *todos*.
- E que diferença faz isso?
- Aliás, nem sequer era veneno! – bradou Clevinger acaloradamente, tornando-se mais enfático à medida que se sentia mais confuso.

Yossarian, com um sorriso paciente, explicou que, até onde a memória lhe permitia recordar, existira sempre alguém empenhado em congeminar um plano para o matar. Havia quem gostava dele e quem o detestava, além de quem não o detestava e pretendia eliminá-lo. Não o podiam ver porque era assírio. No entanto, não lhe podiam tocar porque possuía uma mente sã num corpo são e era forte como um touro. Não o podiam molestar porque era uma combinação de Tarzan, Mandrake e Flash Gordon. Era Shakespeare. Era Caim, Ulisses, o Holandês Voador; era Loth em Sodoma, Deirdre das Mágoas, Sweeney nos rouxinóis entre as árvores. Era o ingrediente miraculoso Z-247. Era...

- Doido! – interrompeu Clevinger, quase num guincho. – É o que tu és! Doido!
- ... imenso. Sou um héracles irresistível! Sou um autêntico supra-homem.
- Super-homem? – rugiu. – Super-homem?
- *Supra-homem* – corrigiu Yossarian.
- Parem lá com isso – interpôs Nately, embaraçado. – Estão todos a olhar para nós.
- És doido! – exclamou Clevinger, com os olhos arrasados de lágrimas. – Tens o complexo de Jeová.
- Acho que cada um de nós é um Natanael.
- Quem é Natanael? – inquiriu, com uma expressão de desconfiança.
- Natanael quê? – redarguiu Yossarian, inocentemente.
- Julgas que todos são Jeovás. – O outro esquivou-se habilmente à armadilha. – Não vales mais que Raskolnikov...
- Quem?
- ... sim, Raskolnikov, que...

- Raskolnikov!
- ... que, falo a sério, supôs poder justificar ter morto uma velha...
- Não valho mais?...
- ... sim, justificar, e empregou um machado! Posso prová-lo.

Respirando com dificuldade, Clevinger enumerou os sintomas de Yossarian: a convicção insensata de que todos à sua volta eram loucos, o impulso homicida para metralhar desconhecidos, falsificação retrospectiva e suspeita injustificada de que as pessoas o detestavam e conspiravam para o matar.

Todavia, Yossarian sabia que tinha razão, porque, como explicou, que soubesse, nunca se equivocava. Para onde quer que olhasse, havia um lunático, e um jovem e sensato cavaleiro como ele via-se em apuros para manter a sua perspectiva no meio de tanta loucura. E impunha-se que conservasse os olhos bem abertos, pois não duvidava de que a sua vida corria perigo.

Observava com desconfiança todas as pessoas que se lhe deparavam quando regressou do hospital. Milo também estava ausente, em Esmirna, para a apanha do figo, e a messe funcionava admiravelmente sempre que ele não se encontrava presente. Yossarian reagira vorazmente ao aroma de carneiro assado, quando ainda se achava na cabina da ambulância aos solavancos na estrada sinuosa que se estendia como um suspensório partido entre o hospital e a esquadrilha. Havia apetitosos nacos de carne para o almoço, que crepitavam sedutoramente nas brasas, depois de permanecerem em marinada durante setenta e duas horas, servidos com arroz iraniano e espargos, seguidos de jubileu de cerejas para sobremesa e café com beneditino e brande. A refeição foi servida, em doses substanciais, em toalhas de damasco, pelos eficientes criados italianos que o major... de Coverley raptara do continente e confiara a Milo.

Yossarian empanturrrou-se na messe até que receou explodir, após o que imergiu em beatífico torpor, a boca coberta por uma película de resíduos suculentos. Nenhum dos oficiais da esquadrilha comera jamais tão bem como acontecia desde que frequentavam a messe de Milo, e Yossarian chegou a ponderar se não mereceria a pena entregar-se a semelhante sacrifício. De súbito, porém, arrotou e recordou-se de que pretendiam matá-lo, pelo que se retirou precipitadamente e foi procurar o Dr. Daneeka, a fim de que o considerasse incapaz para combater e enviasse para casa. Encontrou-o sentado num banco à entrada da tenda, tirando o maior partido dos raios solares escaldantes.

– Cinquenta missões – advertiu Daneeka, abanando a cabeça. – O coronel exige cinquenta missões.

– Mas só tenho quarenta e quatro!

Não se deixou comover. Era um homem de expressão amargurada e rosto de pássaro, embora a área que circundava o nariz e a boca lembrasse mais um rato.

– Cinquenta missões – persistiu, continuando a mover a cabeça. – O coronel exige cinquenta missões.

§

Capítulo terceiro HAVERMEYER

Quando Yossarian regressou do hospital, não estava ninguém presente, à parte Orr e o homem morto na tenda dele. Na realidade, o homem morto na tenda de Yossarian era uma peste com o qual não simpatizava, embora nunca o tivesse visto. O facto de o ter todo o dia estendido nas proximidades irritou-o a tal ponto que procurou o sargento Towser várias vezes, para se queixar do incómodo, todavia este negou-se a admitir que o homem morto existia, o que, no fundo, correspondia à verdade. Ainda resultou mais frustrador tentar recorrer ao major Major, o alto e ossudo comandante da esquadilha, o qual se parecia um pouco com Henry Fonda aflito e tratava de sair pela janela do seu gabinete, cada vez que Yossarian conseguia transpor a barreira constituída pelo sargento Towser. O homem morto na tenda de Yossarian representava uma companhia simplesmente intolerável e até contrariava Orr, que não era um companheiro tolerável e, no dia em que Yossarian regressou, se entretinha a reparar a torneira que ministrava gasolina ao fogão que principiara a construir durante a ausência do companheiro no hospital.

– Que estás a fazer? – perguntou este último, embora se apercebesse imediatamente.

– Não veda bem e tento reparar a avaria.

– Pára com isso, que me enervas.

– Quando era miúdo, costumava passar todo o dia com maçãs bravas dentro das bochechas – informou Orr. – Uma em cada lado.

Yossarian pôs de lado o saco de lona do qual começara a retirar os apetrechos de higiene pessoal e preparou-se para o que se seguiria. Transcorrido um minuto de silêncio, viu-se forçado a perguntar:

– Porquê?

– Porque são melhores que castanhas-da-índia – replicou o outro, com uma expressão de triunfo.

Achava-se ajoelhado no solo de cimento da tenda e trabalhava sem interrupção, para desmontar a torneira, alinhar as pequenas peças meticulosamente ao lado, contá-las, examiná-las com curiosidade, como se nunca tivesse visto nada de similar, e voltar a montá-la, sem perder a paciência, nem deixar transparecer o mínimo cansaço, após o que repetia a operação. Enquanto o contemplava com ansiedade crescente, Yossarian reconhecia intimamente que se veria forçado a assassiná-lo a sangue-frio, se não

parasse, e desviou os olhos para a faca de mato que fora dependurada por cima da rede contra os mosquitos no dia em que chegara o homem morto. Encontrava-se ao lado do coldre vazio deste último, de cuja arma Havermeyer se apoderara.

– Quando não arranjava maçãs bravas, servia-me de castanhas-da-índia – prosseguiu Orr. – São quase do mesmo tamanho e têm uma forma mais conveniente, embora isso não interesse.

– Porque andavas com maçãs bravas metidas nas bochechas? Foi isso que perguntei.

– Porque têm uma forma mais conveniente que as castanhas-da-índia, como acabo de referir.

– Por que carga de água, grande filho da mãe de olhar bilioso e tendência para a mecânica, andavas com *coisas* metidas nas bochechas?

– Não andava com *coisas* metidas nas bochechas, mas com maçãs bravas. Quando não havia, servia-me de castanhas-da-índia. Metidas nas bochechas. – Orr soltou uma risada divertida, enquanto Yossarian prometia a si próprio não voltar a abrir a boca, e, como o silêncio se prolongasse, o primeiro capitulou. – Uma em cada bochecha.

– Para quê?

– Para quê o quê? – retorquiu com ansiedade. No entanto, o outro contentou-se em abanar a cabeça. – Esta válvula tem uma particularidade curiosa – cismou em voz alta.

– O que é?

– Porque eu queria...

– Safa! Porque querias?...

– ... bochechas de maçã.

– ... bochechas de maçã?

– Eu queria bochechas de maçã – repetiu Orr. – Já em criança desejava vir a ter um dia bochechas de maçã e decidi esforçar-me até as conseguir e não descansei enquanto não as obtive, e foi assim que fiz, com maçãs bravas nas bochechas durante todo o dia. – Tornou a rir. – Uma em cada lado.

– Para que querias bochechas de maçã?

– Eu não queria bochechas de maçã, mas bochechas *grandes*. A cor era o menos. Esforcei-me como esses tipos malucos que costumam passar o dia a apertar bolas de borracha nas mãos para ficarem mais resistentes. De facto, eu *era* um desses malucos. Também andava todo o dia com bolas de borracha nas mãos.

– Para quê?

– Para quê o quê?

– Porque andavas todo o dia com bolas de borracha nas mãos?

– Porque as bolas de borracha...

– ... são melhores que as maçãs bravas?

– Fazia-o para defender a minha boa reputação, no caso de alguém me surpreender com maçãs bravas nas bochechas. Com as bolas de borracha nas mãos, podia negar que tivesse maçãs bravas nas bochechas. Cada vez que me perguntavam porque andava com maçãs bravas nas bochechas, abria as mãos e mostrava que se tratava de bolas de borracha e não de maçãs bravas, e as tinha nas mãos e não nas bochechas. Era

uma história convincente, embora eu nunca soubesse se a entendiam, porque é muito difícil conseguir que uma pessoa nos compreenda, se falamos com duas maçãs bravas metidas nas bochechas.

Yossarian, que também experimentava grande dificuldade em o compreender, perguntou-se, não pela primeira vez, se Orr estaria a falar com a ponta da língua apoiada numa das bochechas de maçã.

Por fim, decidiu não pronunciar nem mais uma palavra, por lhe parecer fútil. Conhecia Orr e sabia que não existia a menor possibilidade de o induzir a explicar porque desejara bochechas grandes. Não obteria melhor resultado do que no dia em que lhe perguntara o motivo pelo qual a prostituta o agredia na cabeça com o sapato, no apinhado vestíbulo diante da porta aberta do quarto da irmã mais nova da mulher que fornicava com Nately. Era uma rapariga alta e robusta, de cabelos compridos e veias azuis incandescentes que convergiam abundantemente sob a pele cor de coco onde a carne se revelava mais tenra, e praguejava, guinchava e saltitava nos pés descalços para poder continuar a agredi-lo com o salto aguçado. Estavam ambos desnudos e provocavam um alarido que atraiu todos os ocupantes do apartamento às portas dos respectivos quartos onde se dedicavam a actividades íntimas, todos despidos, à excepção da velha de camisola de malha e avental, que meneava a cabeça com uma expressão desaprovadora, e do homem idoso de ar devasso, que ria sem restrições. A rapariga uivava e Orr era sacudido por um riso nervoso, que se acentuava cada vez que o salto atingia o alvo, circunstância que a enfurecia ainda mais e obrigava a elevar-se como uma atleta para produzir efeitos mais desgastantes, com as resultantes e inevitáveis oscilações dos seios generosos e abundantes hemisférios da parte inferior das costas. O dueto de uivos e risos prolongou-se até que ela conseguiu desferir uma pancada mais eficaz que o enviou para o hospital numa maca, com um buraco na cabeça, não muito profundo, e certa concussão que o manteve afastado da luta durante doze dias.

Ninguém foi capaz de determinar o que acontecera, nem mesmo os dois velhos, os quais se achavam em situação de averiguar tudo o que se passava no vasto e interminável bordel, com a multidão de quartos que davam para estreitos corredores que partiam em direcções opostas da espaçosa sala de luz difusa. Depois disso, cada vez que via Orr, ela levantava a saia acima das cuecas e, com uma expressão ordinária, estendia o ventre na direcção dele, praguejando e rindo divertida ao observar que se refugiava atrás de Yossarian. O que Orr fizera, tentara fazer ou não conseguira atrás da porta fechada do quarto da irmã mais nova da prostituta de Nately permaneceu imerso em sigilo absoluto, pois a rapariga recusou-se a revelá-lo às companheiras, a Nately ou Yossarian. Orr talvez acabasse por esclarecer a situação, todavia decidira não pronunciar nem mais uma palavra sobre o assunto.

– Interessa-te saber porque queria bochechas grandes? – perguntou Orr. Vendo que Yossarian se mantinha silencioso, prosseguiu: – Lembras-te daquela vez em Roma, em que a fulana que não te grama me agrediu com o salto do sapato? Queres saber porque o fez?